

Projecto europeu promove uso do fogo para prevenir e combater incêndios florestais

Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, coordena a investigação, que ajudará a UE a definir as políticas europeias de prevenção dos fogos

MARIANA OLIVEIRA

Fogo: regulador de ecossistemas. Fogo: agente de catástrofe. É desta dualidade que vive o projecto *Fire Paradox (Paradoxo do Fogo)* que tem o objectivo de estudar a forma mais eficaz de utilizar as chamas para prevenir e combater os incêndios florestais.

O projecto, que integra 31 parceiros de 13 países europeus e do Norte de África, é o único financiado pela União Europeia (UE) nesta área. São 15 milhões de euros (12 milhões da UE) para quatro anos de investigação. No final será elaborado um livro branco que ajudará a União a definir as políticas europeias de gestão do fogo e de mitigação dos incêndios.

A coordenação do projecto, que neste momento contabiliza 180 participantes, está a cargo do Instituto Superior de Agronomia (ISA), da Universidade Técnica de Lisboa. Estruturas governamentais, centros de investigação, empresas e organizações não governamentais compõem a lista de participantes de 13 países: Portugal, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Itália, Marrocos, Polónia, Eslovénia, Espanha, Suíça, Tunísia e Inglaterra.

Francisco Rego, coordenador do Centro de Ecologia Aplicada do ISA e um dos ideólogos da investigação (entretanto nomeado director-geral dos Recursos Florestais) assume a missão de coordenador geral.

O tiro de partida do projecto foi dado em Março e até dia 23 deste mês decorre na Catalunha (Espanha) o primeiro encontro do projecto (ver texto ao lado), que reúne diversos participantes e pretende entre outras coisas monitorizar fogos em tempo real. Até 2010, ano em que o projecto deverá terminar, haverá um encontro de todos os anos. Portugal será possivelmente o próximo país de acolhimento.

“Queremos dar um novo impulso a nível europeu à utilização do fogo para prevenir e combater os incêndios florestais, nomeadamente através do fogo controlado e do contra-fogo. São técnicas que praticamente não se utilizam nalguns países, como a Grécia e a Itália, e que quase desapareceram noutros como Portugal”, explica Daniel Alexandrian, um dos três investigadores na equipa de coordenação.

O léxico exige explicações: o fogo controlado é uma técnica de prevenção que pretende manter a carga de combustível florestal abaixo dos níveis críticos, tentando evitar os grandes incêndios de Verão através de queimas estratégicas e pouco intensas no Inverno e na Primavera; o contra-fogo é utilizado no combate, usando as chamas para apagar incêndios, que acabam por extinguir-se devido ao esgotamento do oxigénio.

A natureza multidisciplinar do projecto foi vista pela UE como uma das suas principais. “O fogo não é apenas um problema da física. É uma questão complexa que inclui várias dimensões – social, económica e ambiental – que também devem ser avaliadas”, sublinha Daniel Alexandrian. Por isso integram esta investigação, além de engenheiros florestais e mecânicos, an-

tropólogos, geógrafos e especialistas em comunicação.

O projecto *Paradoxo do Fogo* (www.fireparadox.pt) está dividido em três partes: investigação, desenvolvimento e disseminação. A primeira abarca o estudo dos mecanismos físicos (comportamento do fogo em condições variadas), biológicos (estudar a resistência das árvores ao fogo para avaliar a sua vulnerabilidade a diferentes regimes de fogo) e sociais (uso e impacto sócio-económico do fogo).

No desenvolvimento será feita uma avaliação da eficácia das cartas de risco, uma aposta na melhoria tecnológica, incluindo a criação de um simulador europeu da propagação do fogo, e uma avaliação das políticas de gestão do fogo na Europa. “Vamos desenvolver um novo programa informático de cálculo que possa ser utilizado pelos profissionais para prever a propagação do fogo a duas

dimensões e criar um protótipo a três”, completa Daniel Alexandrian.

“Recorrer mais à física”

No terceiro ponto inclui-se a criação de modelos de formação para estudantes e profissionais e o desenvolvimento de uma estratégia europeia de sensibilização dos cidadãos para a importância de um comportamento cívico na floresta. “Já existem programas de propagação de fogo e cartas de risco, mas com uma base muito empírica. Precisamos de recorrer mais à física para sermos mais rigorosos”, defende Alexandrian.

O projecto tem uma primeira fase de 18 meses, que termina em Agosto de 2007, e uma segunda que acaba em Março de 2010. No final as inovações serão testadas em situações reais, nomeadamente junto de corporações de bombeiros e grupos de sapadores. ■



Exercício de fogo controlado, em Fevereiro, na Serra do Marão

Chamas amigas ou inimigas?

Para uns o fogo é uma realidade distante e perigosa. Um inimigo. Não para todos. No meio rural ainda há quem desafie as interdições legais e o utilize no quotidiano. São quase todos pastores. Querem renovar as pastagens através das “queimadas”. Também o usam para se protegerem das outras chamas. Chegam a tratá-lo como um animal. É um amigo.

A descrição é de Nadine Ribet, uma antropóloga francesa que participa no *Paradoxo do Fogo* e já terminou um doutoramento sobre técnicas tradicionais do fogo. “Queremos perceber o lugar do fogo, o seu valor e o seu estatuto no meio rural”, adianta. O objectivo é reabilitar o uso do fogo nos aspectos técnicos e sociais. A investigação vai exigir um trabalho de campo em cinco países: Portugal, Espanha, Grécia, Itália e Marrocos. A avaliação, que começará em Setembro, implica uma análise detalhada do discurso dos pastores e observação

directa. “É preciso passar bastante tempo com eles, para me integrar no seu quotidiano e perceber o lugar do fogo no seu dia-a-dia”, sublinha a antropóloga. Outro dos objectivos da análise é sugerir regras para a regulamentação do uso tradicional do fogo, alterando algumas legislações mais radicais que proíbem genericamente a sua utilização.

“Os [engenheiros] florestais reconhecem que as regiões rurais onde a população enfrentou a lei, por vezes imposta abusivamente pelos serviços, e utilizou habilmente o fogo segundo as necessidades, constituem hoje as zonas de menor risco de incêndio, porque a massa combustível foi regularmente reduzida e controlada”, diz a investigadora.

Apesar de recorrerem pouco à tecnologia, muitos pastores são peritos na arte do fogo. “Têm a memória dos incêndios anteriores e a experiência do fogo”, resume Nadine Ribet.